
EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
UM ESTUDO A PARTIR DOS GRADUANDOS DE ADMINISTRAÇÃO E
CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) - DCH -
CAMPUS-I SALVADOR

Recebido: 09/07/06/24 | **Avaliado:** 15/08/24 | **Aceito:** 29/08/24

Antônio César Mota Pastor Filho

Graduando em Administração pela Universidade do Estado da Bahia - Uneb

E-mail: cesarpastorfilho@hotmail.com

Carlos Alberto Orge Pinheiro

Doutor em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial pela Faculdade de Tecnologia Senai CIMATEC. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Salvador, com especialização em Auditoria Econômica e Financeira pela Universidade Gama Filho. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

E-mail: capinheiro@uneb.br

RESUMO

No presente trabalho será posto em prática a discussão referente ao tema, educação financeira: um estudo a partir dos graduandos de administração e contabilidade da Universidade do estado da Bahia (UNEB) – DCH – *campus*-I Salvador. Observando que conhecimentos sobre finanças pessoais ainda é algo superficial, tendo em vista que com frequências por meio dos noticiários são relatados índice de endividamento em que se encontram a população brasileira. E este fato fica ainda mais evidente ao notar as disciplinas ofertadas dos cursos de administração e contabilidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *campus*-I Salvador (DCH), onde ambos os cursos não possuem nenhuma disciplina voltada para o ensino da educação financeira pessoal. No que se diz respeito os mesmos deveriam ter disciplinas voltadas para melhor instruir os estudantes no quesito educação pessoal financeira, contribuindo para uma reflexão crítica sobre essa questão ajudando os estudantes a melhor lidar com as finanças. Diante dessa realidade surgiram algumas inquietações como por exemplo: Como a ausência de disciplinas voltadas a educação financeira pessoal, pode interferir nas finanças dos universitários? como a falta de disciplinas voltadas a educação financeira pessoal, pode vir a influenciar na carreira de futuros administradores e contadores? Buscando responder tais questionamentos e inquietações sobre a educação das finanças pessoais de estudantes de administração e contábeis, de modo a compreender tais inquietações. Foi elaborado um objetivo geral o qual busca demonstrar como a ausência de disciplinas voltadas para a educação financeira pessoal entre os componentes curriculares dos cursos de administração e contábeis comprometem na formação dos discentes. Nesse sentido, foi possível trazer a colaboração do diálogo com teóricos que defendem a inserção de disciplinas de educação financeira para o cotidiano da sala de aula. A falta de educação financeira não só promove perdas financeiras, mas também priva sobre como a lidar com tal perda, pois se conhecendo sobre o sistema financeiro em um momento difícil o indivíduo saberá recorrê-lo e fará o uso consciente de suas finanças, algo que poucos utilizam e consequentemente compromete suas finanças de modo que chegam a ficar endividadas ou até mesmo inadimplentes por um longo período. Nesta perspectiva este estudo foi desenvolvido para chamar a atenção do quanto disciplinas voltadas a educação financeira pessoal devem esta inseridas na grade curricular dos cursos de administração e contabilidade.

Palavras-chave: Educação financeira. Endividamento. Finanças pessoais. Inadimplência. Planejamento financeiro.

ABSTRACT

This paper will discuss the topic of financial education: a study based on undergraduate students in administration and accounting at the State University of Bahia (UNEB) – DCH – campus-I Salvador. It is important to note that knowledge about personal finances is still superficial, given that the news frequently reports the level of debt in which the Brazilian population finds itself. This fact becomes even more evident when observing the subjects offered in the administration and accounting courses at the State University of Bahia – UNEB – campus-I Salvador (DCH), where both courses do not have any subjects focused on teaching personal financial education. In this regard, they should have subjects focused on better instructing students on the subject of personal financial education, contributing to a critical reflection on this issue, helping students to better deal with finances. Given this reality, some concerns have arisen, such as: How can the absence of subjects focused on personal financial education interfere with the finances of university students? How can the lack of disciplines focused on personal financial education influence the careers of future administrators and accountants? Seeking to answer such questions and concerns about the personal finance education of business administration and accounting students, in order to understand such concerns. A general objective was developed that seeks to demonstrate how the absence of disciplines focused on personal financial education among the curricular components of business administration and accounting courses compromises the training of students. In this sense, it was possible to bring the collaboration of the dialogue with theorists who defend the inclusion of financial education disciplines in the daily classroom. The lack of financial education not only promotes financial losses, but also deprives people of how to deal with such losses, because by knowing about the financial system in a difficult time, the individual will know how to resort to it and will make conscious use of their finances, something that few use and consequently compromises their finances so that they end up in debt or even defaulting for a long period. From this perspective, this study was developed to draw attention to the extent to which subjects focused on personal financial education should be included in the curriculum of administration and accounting courses.

Keywords: Financial education. Indebtedness. Personal finance. Default. Financial planning.

1 INTRODUÇÃO

Possuir conhecimento sobre finanças é necessário, principalmente no que se diz a respeito a ter habilidades que possibilitem o controle entre renda e gastos, de modo a obter o equilíbrio, algo que por princípio da perspectiva parece ser simples, mas que na verdade não é, principalmente para aquelas pessoas que são afetadas por compras de impulso ou para manter *status* (MARQUES; SOUZA; BARROS, 2014).

É notável que vivemos em constantes transformação e desenvolvimento tecnológico, que proporcionam atualizações a todo momento. Tal situação possibilita que as empresas possam vir promover no mercado inovações e criação de novos produtos que despertam o interesse dos consumidores pela aquisição de bens, sem mesmo ter uma necessidade por aquela compra, o que resulta em compras por impulso além de manter *status* que nem sempre é compatível com sua renda.

Tendo em vista a importância da educação financeira na vida de todos, se faz necessário buscar conteúdos que dizem respeito ao assunto. No ponto de vista dos brasileiros, e ao acompanhar informações percebe-se que o conhecimento sobre finanças é algo superficial (VIEIRA *et al.*, 2009).

De modo a contribuir para alcançar o objetivo principal da pesquisa, foram desenvolvidos objetivos específicos os quais permitiram: Apresentar argumentos convincentes com base em autores sobre a necessidade de disciplinas voltadas para a educação financeira pessoal, descrever os possíveis efeitos ocasionados pela falta de educação financeira na vida dos estudantes e demonstrar o posicionamento dos discentes com relação a inserção de disciplinas de finanças pessoal, utilizando-se de suas opiniões, mediante a análise dos gráficos.

Vislumbrando tal situação de déficit sobre as finanças pessoais, partindo da perspectiva de que possam estar presentes nos estudantes de graduação dos cursos de administração e de contabilidade dos cursos da Universidade do Estado da Bahia - UNEB no *campus* de Salvador - BA, este artigo tem por finalidade responder, a partir da percepção destes estudantes, ao seguinte questionamento: Como a ausência de disciplinas voltadas a educação financeira pessoal, pode interferir nas finanças dos universitários?

O presente artigo apresenta-se estruturado com introdução, referencial teórico o qual discorre com temas relacionados a pesquisa como educação financeira, endividamento e inadimplência, planejamento financeiro e aplicação financeira, e composto pela metodologia aplicada na pesquisa, apresentação e análise dos dados e por fim as considerações finais a qual contribuirá para argumenta as contribuições e o cenário em que se encontra os estudantes

mediante a conhecimentos sobre finanças pessoais e inserção de disciplinas de finanças pessoais nas matrizes curriculares dos cursos de administração e contábeis.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Discorrer sobre educação em um contexto geral requer cuidados, uma vez que a educação em qualquer eixo temático precisa ser colocada em prática cotidianamente pelas pessoas, mesmo que se saiba que a educação é alternativa para uma tomada de decisão adequada. Ela possibilita alcançar os objetivos que se almejam. Inserida no contexto da educação, dentre os diversos eixos temáticos que podem ser colocados em prática, está o eixo financeiro.

Alguns países já fazem mudanças circunstanciais com relação ao ensino fundamental e médio, como é o caso de países como Noruega, Dinamarca, Suécia, Israel, Canadá entre outros, os quais já tem implementado no sistema educacional componentes curriculares voltados para educar financeiramente crianças e jovens, conforme explica Nunes (2022), enquanto, no Brasil, ainda é um ensino restrito, de forma que é disposto a poucos estudantes (KYIOSAKI, 2018).

Conhecimentos contribuem para mudanças de comportamento, que conseqüentemente levam os jovens a criarem anseio pelo assunto, de modo que permitam agregar entendimento de como lidar com finanças, fazendo com que no decorrer do tempo coloquem em prática o que aprenderam (Organisation for economics co-operation - OECD, 2005).

Na era da informação, a educação e o aprendizado contínuo são essenciais para agregar conhecimento sobre determinada temática. Mas infelizmente, conforme explica Kyiosaki (2018), ir à escola ou universidade apenas, não preparará os jovens financeiramente para um mundo que se expande e evolui rapidamente. Assim, conforme o autor explica, as escolas e as universidades mudam lentamente e o mundo está mudando em alta velocidade.

Isto reflete em um cenário em que estudantes reféns de um sistema educacional frágil, desatualizado com o mundo atual, que apenas contribui com componentes curriculares básicos, que tradicionalmente incluem na sociedade cidadãos com um aprendizado incompleto, uma vez que noções financeiras não são abordadas (LOPES JÚNIOR *et al*, 2014).

A sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento, que deve ser multiplicado diante da sociedade, ou seja, as experiências e aprendizados adquiridos no ambiente acadêmico deve ser compartilhada entre pessoas (Savoia, Saito, Santana, 2007). O

autor traz consigo o pensamento o qual é compartilhado entre a comunidade acadêmica, a qual tem como um dos objetivos oferecer algum retorno a sociedade.

A ausência da educação financeira nas escolas permite para um maior despreparo daqueles jovens que deixam o ensino médio bem como aqueles que ingressam ao ensino superior cuja renda mensal permite acesso a inúmeras formas de crédito, colaborando para a inadimplência (FRANCO, 2007).

A ausência da educação financeira pode conduzir o indivíduo ao consumo que mediante a seu comportamento e anseios, poderá ocasionar consequências que os conduziram ao endividamento e até mesmo a inadimplência, a partir do momento que não terá mais capacidade de honra com suas obrigações e compromissos firmados a longo prazo.

2.2 CONSUMO, ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA

Consumir faz parte do ímpeto humano, pois é necessário consumir para que se venha obter suprimentos e demais bens que são indispensáveis para a sobrevivência. A vontade de almejar algo se justifica justamente por estes anseios de consumo primário, o qual desperta o psíquico humano, promovendo a necessidade de consumir. Isto pode ocasionar uma sociedade consumista, sem controle e responsabilidade com seus recursos financeiros (BAUMAN, 2008).

A vontade de consumir ou comprar algo pode ser explicada mediante a satisfação e prazer que são despertados na mente humana, por uma propaganda, a qual instiga o desejo de consumir e possuir determinado produto, de modo que ao consumir, tais anseios permitam-se a ser satisfeito por uma necessidade a qual foi induzida, que conduzirá ao consumo, mesmo sem qualquer necessidade (PINTAUDI, 1989; PADILHA, 2006).

Em uma sociedade impulsionada a consumir intensamente, a busca pela felicidade se apresenta como oportunidade ideal nas campanhas de *marketing* e propagandas, as quais fazem com que desperte nas pessoas o sentimento de satisfação e realização ao adquirir determinado bem, demonstrando os como elementos essenciais para alcançar o objetivo teoricamente explícito (BAUMAN, 2008).

Esta mesma perspectiva pode ser vista em Silva (2014) ao explicar que o ato de consumir gera o estado de alegria e euforia momentânea, mas que, com o tempo pode se tornar um vício a qual transmite a se sensação ilusória e permanente da satisfação. Sendo que tal cenário poderá evoluir para uma espécie de ciclo vicioso.

Mediante o comportamento atual da sociedade quanto as suas práticas as quais levam a consumir é importante frisar que alguns consomem por *status* e modismo, do que realmente por

necessidade de adquirir determinado bem, sendo facilmente persuadidos a comprarem determinados produtos. Há em alguns uma vontade incontrolável para usufruir um determinado bem, produto ou marca (CONSTANTINI, 2016).

O consumo traz consigo uma situação delicada no que se diz respeito ao endividamento e a inadimplência. Mas antes de apresentar uma concepção do atual momento, é necessário ter uma noção do que cada um significa, pois endividamento e inadimplência são distintos. Enquanto o endividamento se refere a qualquer pagamento futuro assumido no tempo, a inadimplência representa a impossibilidade em arcar com este pagamento futuro (MEIRA *et al*, 2022).

Ao considerar que o endividamento está relacionado com motivações afetivas (Baumeister e Vohs, 2003; Ledoux, 1996; Loewenstein, 1992) esta emotividade ao promover o descontrole do recurso financeiro pessoal torna-se responsável por gastos superiores a renda disponível, desencadeando para uma situação de endividamento e inadimplência.

A quantidade de endividados no Brasil no mês de março correspondeu a 77,5% das famílias as quais apresentaram no mês alguma dívida, segundo levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) (G1, 2022). Em outubro de 2022 o cenário se apresentou com o número de famílias endividadas atingindo 79,3% do total de lares no país.

No cenário da pesquisa realizada pela CNC (2022), o cartão de crédito alavanca o índice de dívidas em 86,5% das famílias. Um outro dado da pesquisa refere-se ao fato de que as mulheres estão mais endividadas que os homens: o percentual é 80,9% contra 78,2% para os homens. As mulheres acumulam mais dívidas no cartão de crédito e no cheque especial. Os homens estão endividados em carnês de loja, crédito pessoal, financiamento de carro e da casa própria ou crédito consignado.

Diante deste cenário é necessário que faça um planejamento financeiro hábito esse que muitas vezes as famílias desconhecem ou se quer tem a possibilidade de realizar pois o consumo desenfreado lhe encaminhou muitas vezes para as insolúveis algemas do endividamento.

2.3 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Planejamento financeiro não é sinônimo de recursos financeiros inesgotáveis, mas auxilia a todos e em especial aos jovens na aquisição de bens, na realização de uma viagem ou até mesmo na tomada de decisões com relação as prioridades as quais sejam necessárias a sobrevivência humana, conforme explica Costa e Bessa (2022). Para os mesmos autores o

planejamento é o processo pelo qual se administram os próprios recursos financeiros com o propósito de atingir objetivos de curto, médio e longo prazo, evitando o endividamento e a possível inadimplência.

Para Cerbasi (2009) o planejamento não é garantia de alcançar o sucesso, mas a ação sem planejamento pode levar aqueles que lidam com recursos financeiros a resultados insatisfatórios. Contudo, desejo mais planejamento e ação aproximam dos objetivos definidos. Logo, o planejamento serve como alicerce para que se possa colocar em prática ações, que permitam uma ideia do que se venha a ser, pois através de um modelo ou padrão de organização é possível pôr em prática através da dedicação e disciplina (PINHEIRO, 2009).

Agir compulsivamente quando for as compras, e gastar além da renda sem qualquer planejamento e consciência do quanto está sendo desembolsado poderá resultar no comprometimento dos recursos financeiros futuros (Dessen, 2014). A autora ainda explica que contrair uma dívida exige planejamento. Uma nova dívida fará parte do orçamento pessoal a partir do mês seguinte à contratação. Logo, tal situação pode ser equacionada e resumida, exigindo disciplina e equilíbrio com os gastos, evitando assim, a busca por auxílio de familiares para evitar a inadimplência e a cobrança de juros.

Para Costa e Bessa (2022) o planejamento financeiro pessoal atua na prevenção contra situações inesperadas, de modo a estar preparado para possíveis ocorrências que possibilitem a formação de reservas financeiras. Com isso, recomenda-se possuir reservas financeiras para arca com eventuais situações de emergência. O autor ao apresentar este cenário, auxilia na preparação para possíveis acontecimentos que estão além do controle pessoal, a exemplo de doenças, acidentes, manutenção do lar, entre outros imprevistos.

O planejamento financeiro pessoal é aliado no momento da aquisição de um bem, pois no que se diz a respeito a evitar juros desnecessário neste momento, se planejar é fundamental. Tal fato ganha embasamento, conforme Cerbasi (2009), ao esclarecer que ao não estar preparado para a aquisição, será preciso pagar juros que encarecerão a compra. Com isso a questão de empréstimos, financiamentos, consórcios e o uso de cartões de créditos sem controle podem levar ao aumento das dívidas e até mesmo a inadimplência.

A ação de pôr em prática o planejamento financeiro pessoal ajuda a ter controle dos gastos, proporcionando um ciclo de vida e poupança conforme explicam Modigliani e Brumberg (1954). Permitir a rentabilidade e segurança através da formação de poupança, em que consumo, renda e poupança façam parte desta equação. Para isso é necessário desenvolver conhecimentos sobre formação de poupança e estar disposto (ou não) a correr riscos além de ser paciente perante a resultados à longo prazo.

Logo, além da educação financeira a qual deve ser ensinada, Costa e Bessa (2022) afirma que o planejamento financeiro pessoal também corrobora para conscientização do consumo, dado que a utilização do recurso é feita de forma a seguir o planejamento proposto. Assim, evitam-se dívidas desnecessária e até mesmo a inadimplência.

Segundo Meinberg (2017), o gerenciamento das próprias finanças permitirá conhecer os gastos de modo a compreender com o que se está sendo gasto os próprios recursos e tal reflexão está alinhada com Mosca (2009) ao explicar que o planejamento financeiro pessoal contribui para a compreensão de que o controle sobre os gastos possibilitará permitir mudanças significativas no padrão e qualidade de vida, contribuindo para que a população possa investir parte de seu recurso em diferentes aplicações financeiras o que favorece na consolidação de uma sociedade fortalecida, uma vez que seu são capazes de poupar e construir novo horizontes.

2.4 APLICAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira não pode ser somente resumida em conscientizar, guardar recurso financeiro, organizar e planejar, mediante uma perspectiva a qual se reserva determinado recurso financeiro para adquirir um bem. Conforme Pinheiro (2009), o conhecimento permitirá um olhar amplo sobre as finanças pessoais, por exemplo, instigando o uso dos recursos financeiros não gastos em aplicações financeiras.

Para muitas pessoas, poupar significa investir, ou seja, deixar seu dinheiro na caderneta de poupança ou sem qualquer tipo de movimentação na conta bancária, para ser utilizado futuramente. Essa concepção mediante as explicações de Cerbasi (2009) está equivocada, pois o autor explica que existe uma diferença entre poupar e fazer aplicações financeiras. Desta forma, quem faz aplicação financeira está ao menos protegendo suas reservas financeiras dos efeitos da inflação (perda do poder de consumo da moeda) para uma situação de emergência ou até mesmo iniciando sua aposentadoria privada.

Aprender a realizar aplicação financeira não é algo que se consegue da noite para o dia, requer tempo e conseqüentemente no decorrer do aprendizado ocorrerão erros, mas ao se ter noção sobre as aplicações financeiras, cria-se segurança para investir recursos financeiros, pois vale salientar que investir é uma maneira a qual o recurso financeiro estará obtendo rentabilidade (NEGRI, 2010).

Logo, uma boa estratégia para aplicação financeira é a diversificação. Para Hoffman (2020), não se deve limitar apenas a uma opção, devendo diversificar, pois é interessante ter estratégias que permitam alocar os recursos financeiros nas mais diversificadas opções, pois

caso isso não ocorra pode significar riscos. Então a combinação em renda fixa (rentabilidade menor quando comparada a renda variável, menor volatilidade e risco) e variável (rentabilidade maior quando comparada a renda fixa, maior volatilidade e risco) deverá auxiliar na formação de reservas financeiras.

Mas para que essa diversificação ocorra deve-se conhecer as possibilidades de aplicações financeiras conforme explicam Elton *et al.* (2020) que quem deseja obter proteção sobre os efeitos da inflação precisa ter plena consciência desta rentabilidade, saber exatamente o valor disponível para fazer frente aos seus gastos e compromissos permitindo a possibilidade de realizar, então, aplicações financeiras.

Para Housel (2021) deveriam as pessoas tomarem decisões quanto as aplicações financeiras com base nos seus objetivos pessoais e nas particularidades de cada opção de aplicação financeira. A visão do autor concilia aplicações financeiras e objetivos, pois existem objetivos tanto para o curto, médio e longo prazo.

Para Hoffman (2020) ter uma noção clara dos objetivos, bem como os prazos e riscos ajudam a delimitar o perfil conservador, moderado ou agressivo. Ao compreender esses perfis será possível verificar os possíveis resultados obtidos com as aplicações financeiras e, desta maneira, satisfazer as necessidades do momento.

O perfil conservador consiste em segurança e menor risco, sendo o foco a segurança e não a rentabilidade, já o moderado leva em conta a segurança, mas o importante é a maior rentabilidade, assumindo risco. Por fim, o agressivo é o perfil que está disposto a assumir qualquer tipo de risco em suas aplicações financeiras, cuja rentabilidade deve ser significativa, assumindo eventuais perdas (ELTON *et al.*, 2020).

Diante do exposto, podem se levar em conta dois motivos pelo quais não são feitas aplicações financeiras. Conforme explicam Silva *et al* (2020) a falta de conhecimento a qual desmotiva de certa forma muitos a realizarem aplicações financeiras e, o receio de perdas financeiras, algo que a falta de informação poderá conduzir a tal cenário, pois é algo que tem se tornado recorrente, principalmente com falsas promessas de rentabilidade acima das taxas de juros oferecidas pelo mercado financeiro.

A adoção de disciplinas de educação financeira proporciona que agentes propulsores possibilite uma mudança de consciência financeira por parte dos discentes, ou seja, traz mudança de comportamento no momento do consumo, proporciona capacidade de raciocínio, identifica oportunidades, trabalha nas tomadas de decisões e atitudes com as finanças pessoais, proporciona a melhora na qualidade de vida.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa e quantitativa, pois faz uso de material já existente para consolidar os conhecimentos acerca do contexto, necessitando analisar o mérito do conteúdo. Se propõe a aplicação de questionário de opinião como instrumento de pesquisa, através de uma amostra, sem identificação de qualquer natureza do respondente, ainda não havendo indagações que possam expor quem se propôs a responder.

Logo, está enquadrada em uma pesquisa de opinião pública, haja vista que se entende como opinião pública, a opinião da maioria, de grupos sociais, a soma de opiniões individuais ou, até mesmo, como a soma de percepções similares sobre algo contabilizadas por meio de uma pesquisa (Weber, 2017). A pesquisa de opinião tem o papel de agregar todas aquelas que tem desejos e objetivos em comum, com foco a chegar a um determinado resultado (MININEL, 2022).

O formulário de coleta de opinião, como ferramenta de pesquisa, necessita dentro do seu universo, da mensuração de uma amostra representativa. Conforme proposto neste artigo, há como público-alvo, um universo de 277 estudantes, sendo 140 de Administração e 137 de Ciências Contábeis, segundo informações da Secretaria Acadêmica do Departamento de Ciências Humanas I da UNEB, *Campus I*. Estes estudantes estão cursando do 5º ao 8º semestre, incluindo os dessestrematizados. A seleção e delimitação deste público se dá a este período pois são estudantes que já tiveram contato com disciplinas voltadas a finanças em semestres anteriores, algo que agregará conhecimento para responder o questionário que foi aplicado.

Usando determinações estatísticas com um nível de confiança de 95%, um desvio padrão de 0,5 e uma margem de erro (intervalo de confiança) de +/- 5, tem-se que a pesquisa deve ser realizada com, no mínimo, 161 estudantes cursos de Administração e Ciências Contábeis entre os meses de abril e maio de 2024. A pesquisa de opinião com a coleta de dados dos estudantes foi realizada através de questionários eletrônicos de forma anônima.

Ademais, baseando-se na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, entende-se que há dispensa da necessidade de submissão do presente projeto de pesquisa ao CEP/UNEB (Comitê de Ética em Pesquisa), em que, nos termos do Art. 1º, Parágrafo I, informa que não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP as pesquisas de opinião pública com participantes não identificados.

Para isso, foi realizado o compartilhamento de link do questionário em diversos meios como em grupos de WhatsApp das turmas dos cursos de administração e contábeis, além do compartilhamento do código QR code, nas salas e no quadro de informações dos cursos em

questão, salientando que o público-alvo foi delimitado a partir do quinto semestre dos respectivos cursos, além de complementar com informações de modo a fortalecer o embasamento teórico da pesquisa, sendo que tal fato possibilita o aumento da confiabilidade do que se está sendo escrito e norteando o ponto de vista do autor.

Adaptado do questionário aplicado na pesquisa de Silva *et al* (2020) o mesmo encontra-se estruturado em 16 perguntas, as quais buscam identificar a percepção dos estudantes sobre a interferência da ausência de disciplinas voltadas a finanças pessoais nas finanças e no comportamento financeiro dos mesmos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Com o objetivo de compreender a percepção dos graduandos de administração e contábeis em relação a educação financeira pessoal, foi elaborado um questionário eletrônico para os discentes responderem, de modo que permita ser observado como a falta de disciplinas voltadas a educação financeira pessoal possa interferir no comportamento das finanças pessoais destes estudantes.

As primeiras perguntas do questionário permitem apresentar as características do perfil dos respondentes, mediante algumas variáveis.

Tabela 1 - Curso e turno

CURSOS	PORCENTAGEM
ADM - MATUTINO	28,7%
ADM - NOTURNO	32,3%
CONTÁBEIS - MATUTINO	14,6%
CONTÁBEIS - NOTURNO	24,4%

Fonte: Elaboração própria (2024).

Tabela 2 - Faixa Etária

FAIXA ETÁRIA	PORCENTAGEM
17 A 20 ANOS	7,3%
21 A 25 ANOS	48,2%
26 A 30 ANOS	18,3%
31 A 35 ANOS	10,4%
36 A 40 ANOS	9,8%
ACIMA DE 40 ANOS	6,0%

Fonte: Elaboração própria (2024).

TABELA 3 - Atividade Remunerada

EXERCE ATIVIDADE REMUNERADA	PORCENTAGEM
SIM	88,4%
NÃO	11,6%

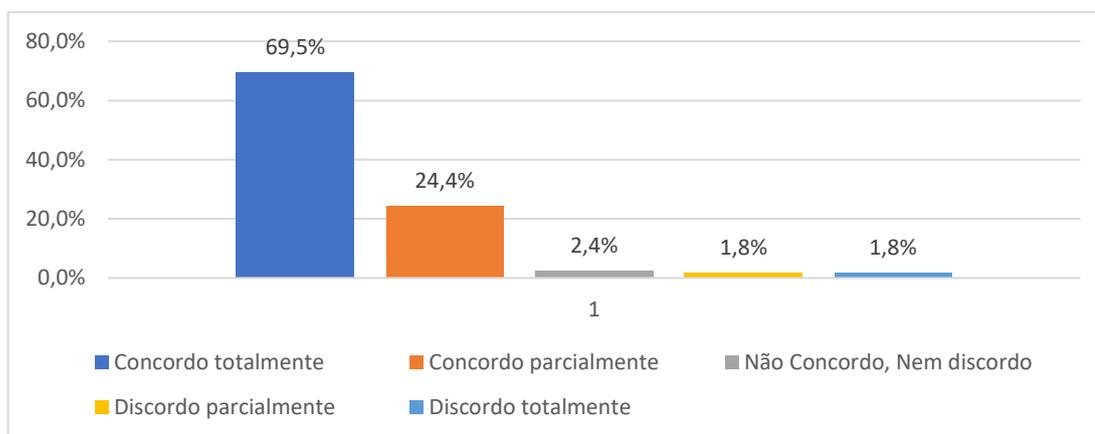
Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Tabela 1 verifica-se que 61% dos estudantes são do curso de administração e 39% são dos cursos de contábeis. Do total dos alunos que responderam à pesquisa 48,2% alunos tem idade entre 21 a 25 anos, conforme Tabela 2. Se somarmos os alunos de 17 a 30 anos, tem-se 73,8%. Estes dados são importantes para a amostra, pois pode-se verificar o perfil dos entrevistados.

Um total de 88,4% dos respondentes exerce atividade remunerada, ou seja, 145 alunos exercem alguma atividade remunerada, enquanto 11,6% dos estudantes, cerca de 19 alunos que participaram da pesquisa não exerce qualquer atividade devendo os mesmos dependerem dos pais, familiares ou possuem alguma bolsa.

As perguntas abaixo estão relacionadas a inserção de disciplinas de educação financeira pessoal em sala de aula além da prática da educação financeira no ambiente acadêmico, e os conhecimentos até então adquirido mediante as disciplinas de finanças vista em sala de aula, conforme Gráficos 1 e 2.

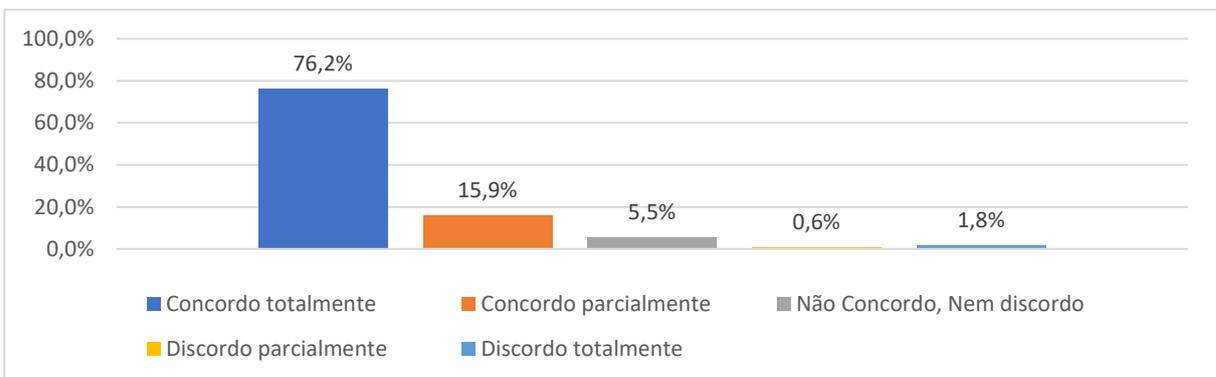
Gráfico 1 - A importância de estudar educação financeira pessoal na graduação



Fonte: Elaboração própria (2024).

O Gráfico 1 apresenta que dos estudantes entrevistados 69,5% concordam totalmente que é importante estudar educação financeira pessoal na graduação, já 24,4% concordam de forma parcial, sendo que se somarmos os estudantes que concordam de forma total e parcial teremos 93,9% dos respondentes, que representa um total de 154 alunos dos 164 que contribuíram para a pesquisa. Isso demonstra o quanto os estudantes valorizam o conhecimento que os auxiliam na gestão dos recursos financeiros. Tal percepção está alinhada com Savoia, Saito, Santana (2007) ao descreverem o papel da Universidade no desenvolvimento e implementação do conhecimento sobre finanças perante a sociedade, ou seja, as salas de aulas têm como objetivo multiplicar conhecimento, podendo repassar para diversas pessoas.

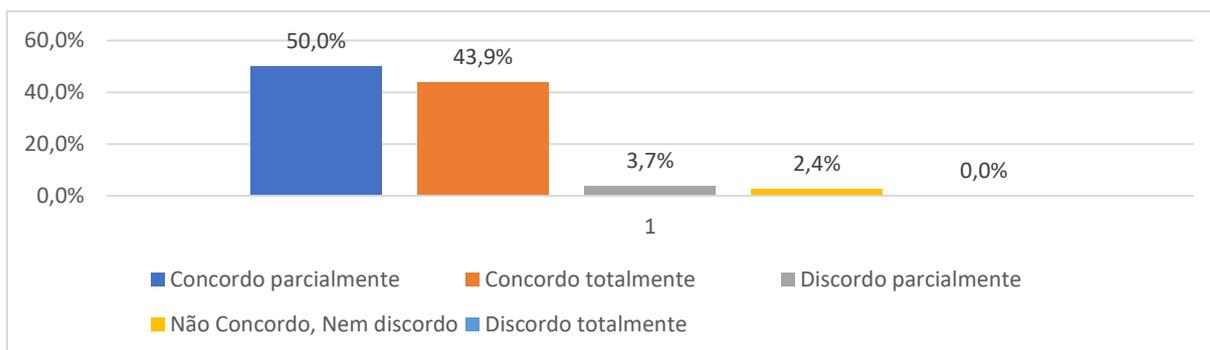
Gráfico 2 - Matriz dos cursos conter disciplinas sobre finanças pessoais



Fonte: Elaboração própria (2024).

Com relação a inserção de disciplinas com ênfase para educar financeiramente os discentes, a percepção dada pelos estudantes é que os mesmos concordam totalmente com a inserção de disciplina de finanças pessoais na matriz curricular (76,2% dos estudantes), conforme Gráfico 2. No mesmo Gráfico 15,2% concordam de forma parcial, enquanto 5,5% não discordam e nem concordam. Tais percepções estão alinhadas com Kyiosaki (2018) ao afirmar que o modelo de ensino é o mesmo aplicado a cerca de 50, 60 anos atrás.

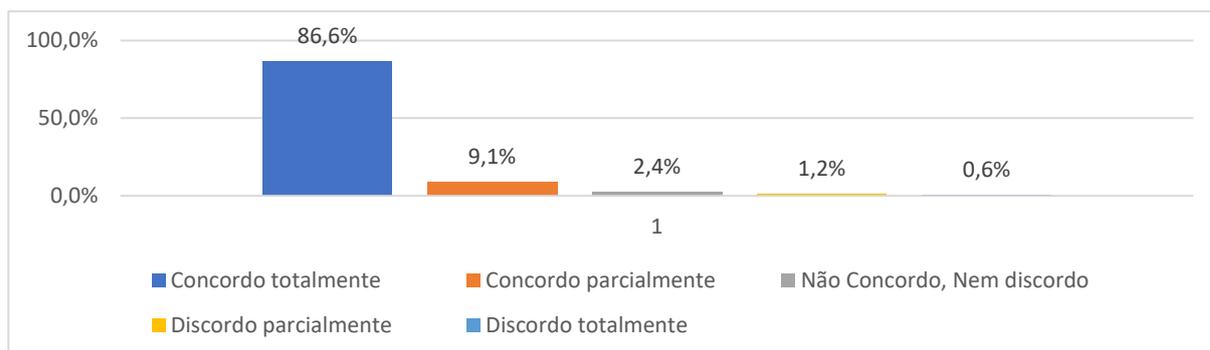
Gráfico 3 - Conceitos vistos em aula de finanças empresariais e sua contribuição



Fonte: Elaboração própria (2024).

Tendo em vista que os alunos têm contato com disciplinas de finanças empresariais, como citado anteriormente, com base no Gráfico 3, cerca de 43,9% concordam totalmente, enquanto 50% concordam parcialmente que é possível usar alguns conceitos vistos nas disciplinas para a gestão das finanças pessoais em busca de um equilíbrio.

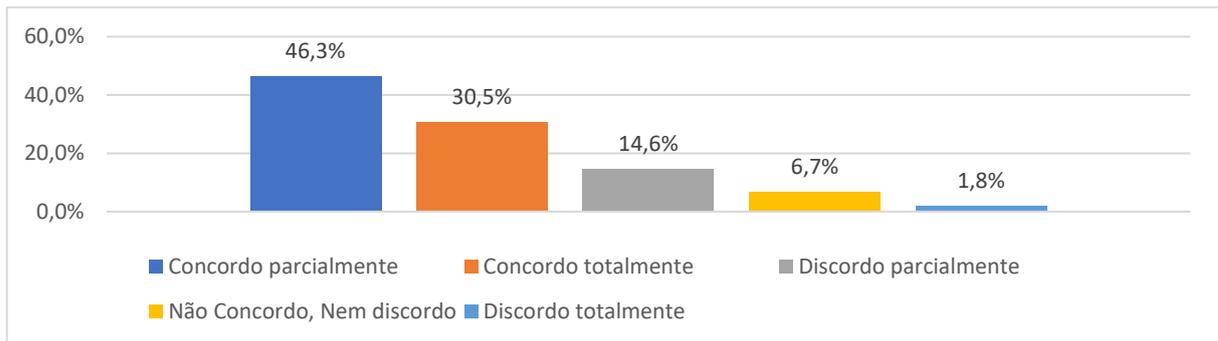
Gráfico 4 - Sobre a educação financeira ser adquirida na infância



Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre a importância de aprender a educação financeira na infância, 86,6% dos estudantes concordam que é na infância que se deve começar a educar financeiramente, conforme Gráfico 4. Tal percepção está alinhada com Nunes (2022) ao contextualizar que o Brasil se encontra abaixo de muitos países como Estados Unidos, Noruega, Reino Unido entre outros, em decorrência de não se preocupar em educar financeiramente as crianças e jovens. Savoia, Saito e Santana (2007), explicam que nestes países a educação financeira é fundamento obrigatório no ambiente de ensino.

Gráfico 5 - O conhecimento da educação financeira ser adquirido fora da universidade

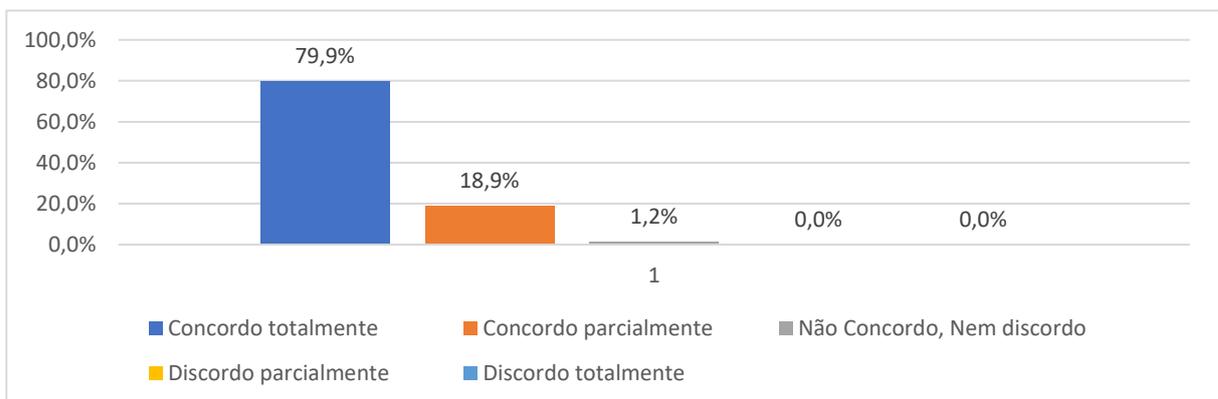


Fonte: Elaboração própria (2024).

Apesar dos estudantes concordarem que a universidade tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades a respeito da educação financeira, sem contar a importância da inserção de disciplinas pautadas no tema, 14,6% discordam parcialmente e 1,8% discordam totalmente, conforme Gráfico 5. Desta forma, pode-se assimilar que a educação financeira deve ser adquirida no ambiente familiar, por meio da internet de modo a visualizar dicas, pelos livros de autoajuda que auxiliam na orientação das finanças pessoais e até mesmo durante a infância como citado anteriormente, através do ensino fundamental e do ensino médio.

As perguntas a seguir avaliam a percepção dos estudantes sobre o conhecimento dos mesmos com relação mídia, consumo impulsivo, endividamento e inadimplência além de entender o discernimento que os estudantes possuem, possibilitando observar quais caminhos os estudantes tendem a seguir quando se trata de suas finanças.

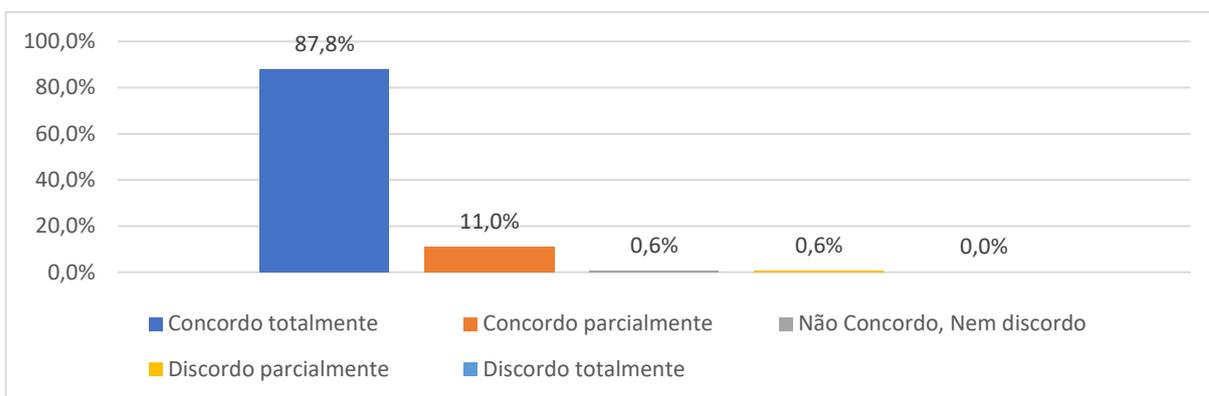
Gráfico 6 - A influência da mídia no consumo impulsivo e o papel da educação financeira



Fonte: Elaboração própria (2024).

Assim, para os estudantes a percepção é que a mídia possui um poder de convencimento, ou seja, 79,9% dos estudantes percebem tal realidade, conforme Gráfico 6. Tal fato demonstra que uma boa parcela dos estudantes compreende o papel da mídia diante da sociedade quando se trata de consumo, pois, seu papel é instigar e promover anseios para a aquisição de bens, mas ao adquirir conhecimentos sobre finanças pessoais, e possível desenvolver competências, dentre elas, comportamento que conduzem para a uma melhor tomada de decisão.

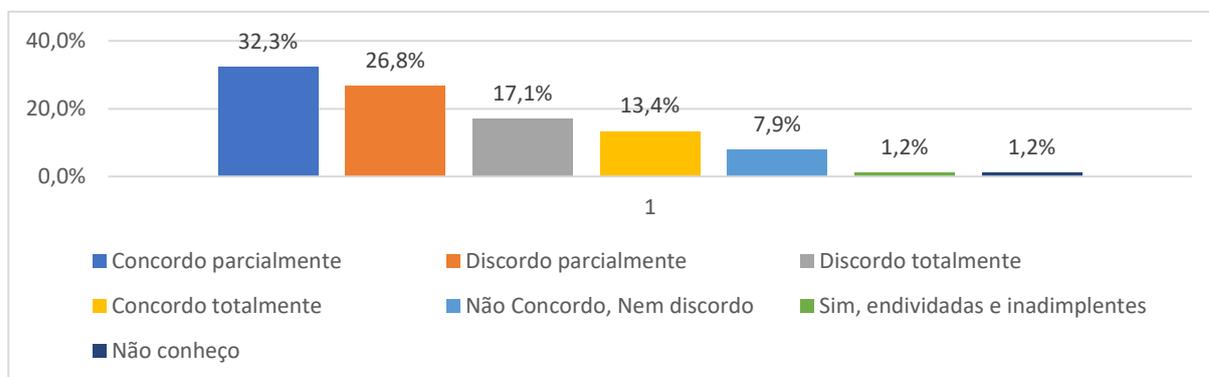
Gráfico 7 - A falta de gestão financeira e o endividamento



Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre a relação falta de gestão financeira e endividamento, 87,8% dos discentes concordam totalmente que a falta de gestão pode conduzi-los ao endividamento. Isto está alinhado com Cerbasi *et al.* (2004) que explica que o principal mediador que conduz ao endividamento é a falta da gestão financeira. Para isso a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico – OCDE defende a implementação e habilitação de modelos de ações planejadas e voltadas para a sociedade (OCDE, 2005).

Gráfico 8 - Relação entre endividamento e inadimplência

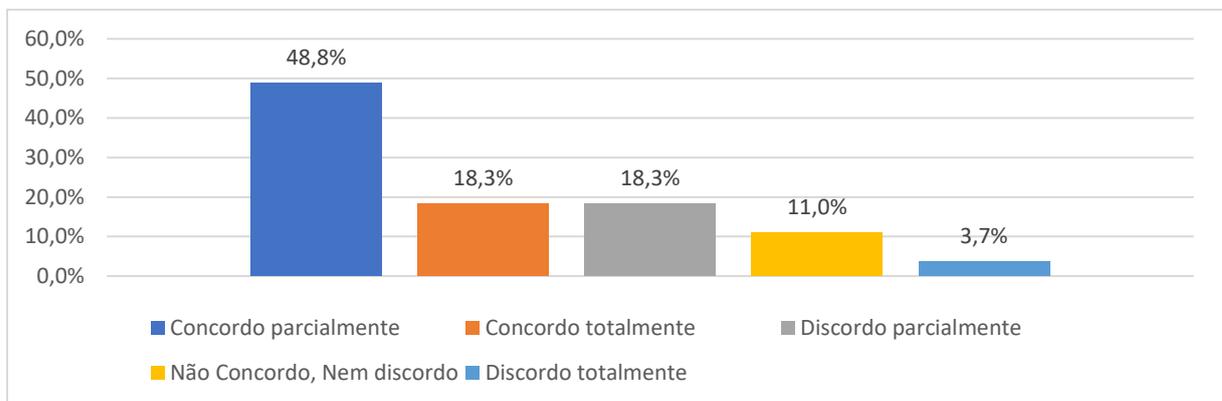


Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre a inadimplência é necessário saber a diferença entre o que é endividamento e inadimplência. Segundo Meira *et al* (2022) os termos apesar de serem semelhantes e terem relação, são distintos, pois o endividamento se refere a qualquer pagamento futuro assumido no tempo e a inadimplência representa a impossibilidade em arcar com este pagamento futuro.

Com isso e através do Gráfico 8, 17,1% dos estudantes discordam totalmente que pessoas endividadas são pessoas inadimplentes, sendo que 26,8% discordam de forma parcial. Dentre os respondentes 7,9% não concordam e nem discordam, enquanto 32,3% concordam de forma parcial e 13,4% concordam totalmente. Logo, 28 dos discentes, os quais responderam que discordam totalmente compreendem os conceitos do que é inadimplência.

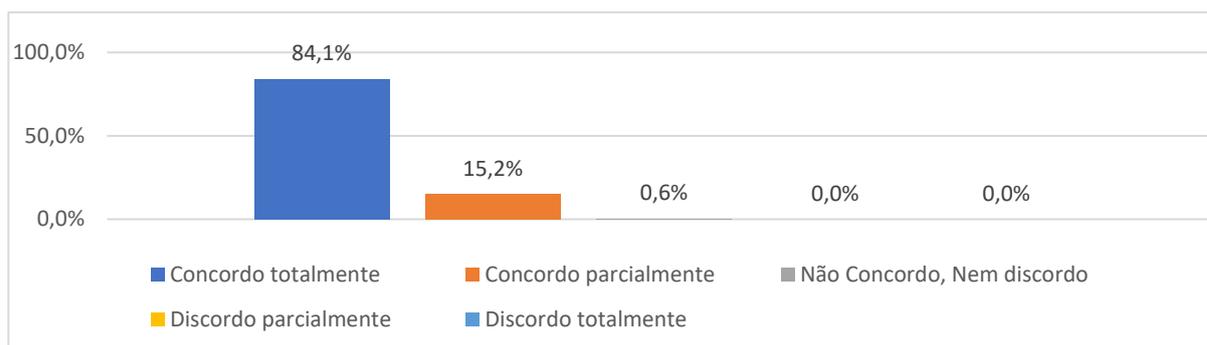
Gráfico 9 - As compras por impulso e a inadimplência



Fonte: Elaboração própria (2024).

No Gráfico 9, 48,8% dos respondentes concordam de forma parcial, enquanto, 18,3% de forma total que as compras por impulso são responsáveis pela inadimplência. Quando se trata da inadimplência pode-se entender o cenário de diversas formas mediante a ocasionalidade, mas tal fato pode ser entendido pela facilidade de crédito disponível no mercado, além de vantagens oferecidas pelo cartão de crédito em parcelar compras, sem contar nas ofertas e lançamentos que são tentadoras para os cidadãos (Vasconcelos *et al*, 2020). A percepção dos alunos indica, conforme Gráfico 9, que uma minoria não coloca as compras por impulso como o principal problema.

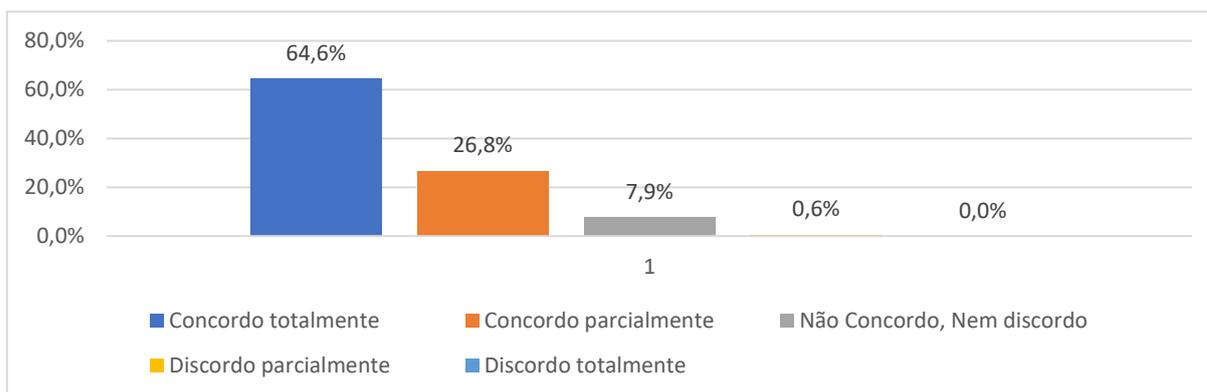
Gráfico 10 - Educação financeira: comportamento e planejamento de curto e longo prazo



Fonte: Elaboração própria (2024).

Ao adquirir conhecimento sobre finanças, são atribuídas competências para manusear ferramentas que possibilitam gerir de maneira eficiente os recursos próprios, logo o uso destas ferramentas está relacionado ao comportamento do indivíduo junto a suas finanças (Pinheiro, 2009). Quando questionados com relação ao consumo consciente para que se possa ter equilíbrio nos gastos de modo que permita realizar planejamentos de curto e longo prazo, 84,1% concordam totalmente e 15,2% concordam de maneira parcial conforme Gráfico 10. Tal percepção dos estudantes é reforçada em Costa e Bessa (2022) ao afirmar que ao elaborar um planejamento de curto ou longo prazo a depender da necessidade do indivíduo, o mesmo estará se preparando para que seus objetivos possam ser alcançados.

Gráfico 11 - O uso de ferramentas e a importância para o gerenciamento de gastos

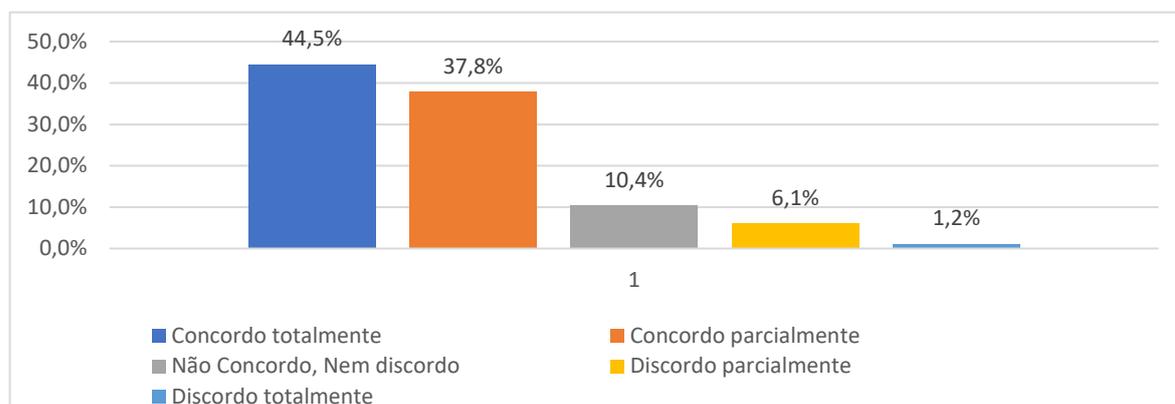


Fonte: Elaboração própria (2024).

A realização de um planejamento necessita do uso de ferramentas para auxiliar no gerenciamento dos gastos, quer sejam mecanismos como cadernos de anotações, software, aplicativos de celular entre outros programas e sistemas existentes. No Gráfico 11 para o uso das ferramentas citadas 64,6% concordam totalmente e 26,8% concordam de maneira parcialmente sobre a importância das ferramentas para gerenciamento dos gastos, nota-se que

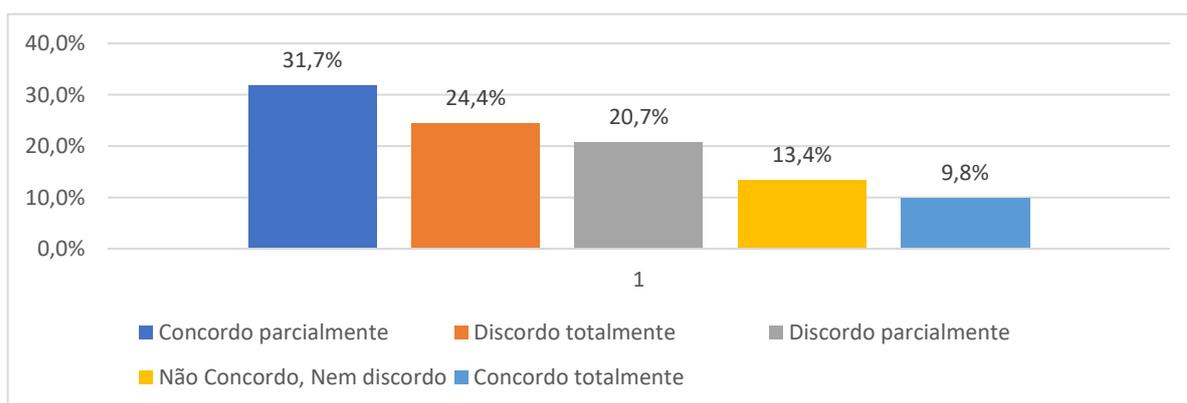
a percepção dos estudantes é a mesma da OCDE que orienta o quanto é importante primeiramente calcular os gastos e ter um controle eficaz daquilo que se gasta primeiramente (OCDE, 2005).

Gráfico 12 - Investimentos rentáveis para formação de poupança



Quanto a percepção dos estudantes com relação a busca de investimentos rentáveis como CDB, Tesouro Direto e ações, 44,6% concordam totalmente e cerca de 37,8% concordam de forma parcial. Logo, os discentes compreendem algo sobre o assunto. Para Negri (2010) aprender sobre investir não é algo que acontece de modo imediato, é necessário conhecimento e tempo, sabendo avaliar rentabilidade e risco.

Gráfico 13 - Manter o padrão de vida utilizando-se da poupança nos próximos meses



Fonte: Elaboração própria (2024).

E notável que eventualidades possam ocorrer, e pensando justamente sobre tal fato foi levantado a hipótese com relação a um possível comprometimento da perda de rendas. No Gráfico 13, pode-se verificar que 9,8% concordam de forma total e os que concordam de forma parcial representam 31,7%, 24,4% discordam totalmente e 20,7% discordam de forma parcial.

Ou seja, mais da metade dos alunos, excluindo aqueles que não concordam ou discordam, percebem que não é possível manter o padrão de vida com recursos da poupança.

Para Cerbasi (2012, p. 18) o planejamento financeiro permitirá à condução na formação do patrimônio mínimo para a sobrevivência, de modo, que nos momentos de instabilidade ocasionado por algumas situações que saia do controle como de desemprego, doença ou planos frustrados em sua atividade de negócios, tenham-se reservas disponíveis. Com essas reservas será possível manter o padrão de consumo até que a normalização da situação. Mosca (2009) consolida o que foi dito ao afirmar que o planejamento financeiro ordena a vida financeira de tal maneira que permita ao indivíduo ter reservas para os imprevistos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo norteador da presente pesquisa, visa propor a inserção de disciplinas de educação financeira aos discentes de administração e contábeis, de modo a contribuir em suas carreiras profissionais e vidas pessoais. Mediante a leitura do referencial teórico, pode-se observar os objetivos a serem alcançados ou, ao menos, instigados perante os estudantes, e até aqueles que busquem adquirir ou implementar a educação financeira em sua rotina.

Podemos notar mediante a leitura e explicações contidas no referencial teórico que a educação financeira desenvolve competências e habilidades que possibilitam manuseio das ferramentas que compõe o sistema financeiro, isso permite que os discentes utilizem os aprendizados adquiridos para lidar com seus recursos próprios, auxiliando na tomada de decisões em momentos de imprevistos e até mesmo na aquisição de bens, em resumo, contribui para o equilíbrio dos orçamentos e de modo a alcançar metas e com o dever de conscientizar, possibilitando a estabilidade das finanças pessoais.

Um cenário o qual é ressaltado de forma insistente no trabalho se dá perante a situação de endividamento e inadimplência os quais estão em alta, sendo explicados justamente pela ausência de educação financeira pessoal em sala de aula, tanto na educação básica, quanto nos meios acadêmicos.

A ausência da educação financeira, poder ser entendida por muitos pela força do hábito, ou seja, em decorrência de não pensar no amanhã, de comprar por impulsos, e bem verdade que possa haver com os hábitos os quais cotidianamente são postos em prática, mas a educação financeira tem o papel de conscientizar e alertar quanto a se ter controle sobre os recursos financeiros próprios, principalmente desenvolvendo a necessidade de pensar no longo prazo, pois imprevistos podem acontecer a qualquer momento.

A presente pesquisa demonstra conteúdos propondo uma temática voltada para a área de finanças, a qual levanta um assunto a ser discutido e proposto em sala de aula, voltado para a educação financeira pessoal de estudantes de administração e contábeis, de modo a permitir e auxiliar em suas respectivas carreiras profissionais e pessoais, não apenas desenvolvendo profissionais para cuidar somente de finanças empresariais. Logo, constatou-se que os acadêmicos, semelhante a pesquisa proposta por Silva *et al* (2020), tem a percepção de conhecimento superficial sobre o tema.

Os resultados obtidos conduzem a uma breve comparação com semelhante pesquisa realizada na cidade do Recife-PE por Silva *et al* (2020), a qual foi elaborada com a mesma temática, de modo, a propor a inserção de disciplinas em sala de aula. tal pesquisa foi citada em alguns momentos. Diante dos dados obtidos na pesquisa, pode-se chegar a conclusão que os estudantes apresentam noções sobre finanças pessoais, mas que para desenvolver competências e habilidades para lidar com as próprias finanças requerem instrução para obter conhecimentos necessários para ter segurança quando manusear e conduzir suas finanças.

Os estudantes apresentam conhecimento básicos sobre finanças pessoais, mas que não lhes são suficiente para a maturação de um conhecimento sobre finanças mais aprofundado, quando questionados sobre manter o padrão de vida atual mediante a utilização da poupança caso fosse demitido do emprego ou perdesse direito a auxílios ou ativos de renda fixa que tivesse, e notado que uma quantidade satisfatória possui um gestão consciente dos recursos e utiliza-se da poupança para guarda seu dinheiro, por ser apresentar como meio seguro para deixar seus recursos guardados, mas que possui baixo retorno, do contrário, caso estivesse investido poderia estar trazendo um retorno satisfatório.

Ausência de disciplinas de finanças pessoais conduzem estudantes para as dívidas que do contrário, caso não venham a ser acompanhadas ou negociadas, poderão conduzir para a inadimplência. Com isso a situação de determinados indivíduos se torna complexa e, sua solução irá resultar em esforços.

Significativa parcela dos estudantes concordam que a inserção da educação financeira deve ser iniciada desde o ensino fundamental, pois já é maturado a parti da infância conhecimentos mesmo que superficiais, que com o passar dos anos permitirá alcançar habilidades e competências para lidar com as finanças pessoais na vida adulta e profissional.

Os estudantes obtêm contato no decorrer de seus cursos com finanças empresariais, que lhe oferece alguma noção sobre finanças, mas tal contato não são suficientes para desenvolver competências essenciais para o manuseio de ferramentas do sistema financeiro, logo os

estudantes concordam que seria importante a implementação de disciplinas de educação financeira pessoal no curso de administração e contábeis.

A pesquisa ainda serve como intermediadora a possíveis futuras pesquisas acadêmicas com pauta no tema presente, de modo que possa ser realizada em outras cidades e regiões do Brasil e até mesmo internacionalmente, pois educação sempre será algo de importância para ser tratado, não importa sua esfera, mas, tudo aquilo que visa educar é necessário perante a sociedade.

A inserção de disciplinas de educação financeira pessoal em sala de aula, ainda que de maneira introdutória em cursos de férias ou disciplinas optativas para ser cursada pelos discentes, na percepção dos alunos agrega conhecimento e maturação com seus recursos próprios, consolidando indivíduos responsáveis e preocupados com o longo prazo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMEISTER, R. VOHS, K. **Willpower, choice and Self control in time**. New York: Russel Sage, 2003.

CERBASI, Gustavo. **Como organizar sua vida financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.

CONSTANTINI, Vanderlei. Consumo excessivo, status, poder e endividamento. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/consumo-excessivo-status-poder-e-endividamento>. Acesso em: 10 nov. 2022.

COSTA, D.; BESSA, S. **Compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos**. Revista de Educação e Cultura Contemporânea. v. 19. n. 60. 2022.

DESSEN, Marcia. **Finanças Pessoais: O Que Fazer Com Meu Dinheiro**. São Paulo: Trevisan Editora, 2014.

ELTON, E. J. *et al.* **Moderna Teoria das Carteiras**. São Paulo: Atlas, 2020.

FRANCO, T. C. O jovem e o crédito: uma estratégia de endividamento precoce. XV Seminário de Iniciação Científica da PUC- Rio, 2007. Disponível em: http://www.pucRio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/dir/relatorio_thiago_franco.pdf. Acesso em: 22 mar. 2024.

G1. Endividamento bate recorde em março puxado pelo cartão de crédito, diz CNC. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/31/endividamento-bate-recorde-em-marco-puxado-pelo-cartao-de-credito-diz-cnc.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2022.

HOUSEL, Morgan. **A psicologia financeira: lições temporais sobre fortuna, ganância e felicidade**. Rio de Janeiro: Casa dos Livros Editora, 2021.

LEDOUX, J. **Emotional networks and motor control: a fearful view**. New York: University New York, 1996.

LOEWENSTEIN, G. **The fall and rise of psychological explanations in the economics of intertemporal choice**. New York: Elster, 1992.

LOPES J. *et al.* **Nível de conhecimento financeiro dos jovens da geração e estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo**. FECAP. 2014. Disponível em: <http://tede.fecap.br:8080/jspui/handle/tede/381>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MARQUES, E. V.; SOUZA, A. C. A.; PESSOA, Y. B. Análise da Gestão Financeira Pessoal de Gestores e Microempreendedores do Município de Fortaleza-Ceará. A Luz Das Finanças Comportamentais. *In: SIMPOI 2014. Anais [...]*. São Paulo, 2014.

MEINBERG, Daniel; NOVAIS, Leandro.; SENNA, Livia.; TORRES, Frederico.; VELOSO, Ewerton. **Educando Seu Bolso**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2017.

MEIRA, M. L. S. *et al.* **Educação financeira para jovens**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Ensino Médio com habilitação profissional de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas) - Etec de Poá, Poá, 2022.

MININEL, Carla. **Pesquisa de opinião: tipos, características e como aplicar**. Brasil Questionpro. Disponível em: <https://www.questionpro.com/blog/pt-br/pesquisa-de-opiniao-como-aplicar-para-seu-negocio/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MODIGLIANI, F., BRUMBERG, R. **Utility analysis and the consumption function: an interpretation of cross-section data**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1954.

MOSCA, A. **Finanças comportamentais gerencie suas emoções e alcance sucesso nos investimentos**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

NEGRI, A. L. L. Educação Financeira para o Ensino Médio da rede pública: Uma proposta inovadora. *In: Dissertação (Mestrado em Educação). Anais [...]*. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2010.

NUNES, Tassia. Porque países têm investido na educação financeira para crianças - Como isso ajudará no comportamento humano para o desenvolvimento do país. Disponível em: <https://brainlatam.com/blog/porque-paises-tem-investido-na-educacao-financiera-para-criancas-e-como-isso-ajudara-no-comportamento-humano-para-o-desenvolvimento-do-pais-1449>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ORGANISATION for Economic and Co-Operation Development. **Improving Financial Literacy**. OCDE/OECD. Analysis of Issues and Policies. Paris, 2005. Acesso em: 23 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Assessoria de Comunicação Social. **Advancing National Strategies for Financial**

Education. OCDE, 2014. Disponível em: www.oecd.org/finance/financialeducation/35108560.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

PINHEIRO, C. A. O. **Tenha modos com seu dinheiro.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

PINTAUDI, S. M. **O Templo da Mercadoria.** Estudo sobre os Shoppings Centers do Estado de São Paulo. 1989. 156 f. Tese (Doutorado em Geografia). *In*: INSTITUTO DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (FFLCH). [Anais]. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1989.

SAVOIA, J. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *RAP*, Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 27 maio 2024.

SILVA, A. B. B. **Mentes consumistas:** do consumismo à compulsão por compras. 1. ed. São Paulo: Globo, 2014.

SILVA, Sandriele Rosilene da.; VASCONCELOS, Gabriela de.; SANTOS, João Paulo Barbosa dos Santos.; CARVALHO, Robson Goés de. A educação Financeira Pessoal: Como a Falta de Instrução Sobre Finanças Pessoais Interfere no Comportamento Financeiro dos Graduandos em Administração e Economia, *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 44., 2020, online, 2020. **Anais [...]**. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2020.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J.; RIBEIRO, M. L.; LOHMANN, G. G. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Paraná. *In*: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 12., São Paulo, 2009. **Anais [...]** São Paulo: SEMEAD, 2009.

WEBER, A. F.; PÉRSIGO, P. M. **Pesquisa de Opinião Pública:** princípios e exercícios. 1. ed. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2017. p. 86. v. 1.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO A PARTIR DOS GRADUANDOS DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) - DCH - CAMPUS-I SALVADOR
RECEBIDO	09/07/2024
AVALIADO	15/08/2024
ACEITO	29/08/2024

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Antônio César Mota Pastor Filho
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade do Estado da Bahia - UNEB
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduando em Administração pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Carlos Alberto Orge Pinheiro
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade do Estado da Bahia - UNEB
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Doutor em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial pela Faculdade de Tecnologia Senai CIMATEC. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Salvador, com especialização em Auditoria Econômica e Financeira pela Universidade Gama Filho. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Todos os autores contribuíram na mesma proporção.

Endereço de Correspondência dos autores	Autor 1: cesarpastorfilho@hotmail.com Autor 2: capinheiro@uneb.br
---	--